

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE FILOSOFIA

VERA LUCIA OLOS KLECHOVICZ

A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO:

A POSSIBILIDADE DO DIÁLOGO COMO MÉTODO

PARANAGUÁ

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE FILOSOFIA

VERA LUCIA OLOS KLECHOVICZ

A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO:

A POSSIBILIDADE DO DIÁLOGO COMO MÉTODO

Trabalho para obtenção do grau de especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, sob avaliação da seguinte banca examinadora da Universidade Federal do Paraná como requisito para aprovação.

Orientadora: Aline Dias

PARANAGUÁ

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: A POSSIBILIDADE DO DIÁLOGO COMO MÉTODO

Por

VERA LUCIA OLOS KLECHOVICZ

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof.

Departamento de Filosofia, UFPR

PARANAGUÁ

2015

*Dedico este trabalho a todos
que contribuíram direta ou
indiretamente em formação na
acadêmica na área do ensino
da Filosofia.*

*A todos que contribuíram no
decorrer desta jornada...
O meu muito obrigada!*

Diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. (...) O diálogo é uma exigência existencial e se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem simplesmente troca de idéias a serem consumidas pelos permutas.

(Paulo Freire)

RESUMO

Com o presente trabalho objetiva-se refletir acerca do ensino de Filosofia no ensino médio, com a pretensão de compreender a contribuição da proposta denominada pelo professor Juarez Sofiste como a metodologia da Investigação Dialógica, baseada nos princípios socráticos do filosofar para com esses jovens alunos. No capítulo 1, procura-se mostrar a educação na atualidade e a necessidade de uma metodologia dentro da disciplina de Filosofia que encante e incentive o jovem adolescente, aluno do ensino médio a filosofar. No capítulo 2, pesquisa-se a história da Filosofia, a sua ausência e presença na educação brasileira. No capítulo 3 estuda-se a história de Sócrates a fim de conhecer a contribuição da Investigação Dialógica como metodologia para o ensino de Filosofia no ensino médio. Chegando, enfim, a conclusão que o método da Investigação Dialógica é um método que, utilizado com seriedade, pode sim propiciar ao aluno do ensino médio o filosofar com fundamentos.

Palavras-Chave: Ensino de Filosofia no ensino médio, metodologia, investigação dialógica, educação.

ABSTRACT

In the present study it is intend to reflect up on philosophy teaching in high school, with the intention to understand the proposal's contribution called by Professor Juarez Sofiste as the methodology of Dialogic Investigation, based on the Socratic principles of philosophy towards these young students. In chapter 1, we try to show the current educational practices and the need for a methodology within the philosophy of discipline that enchants and encourage young teenager, high school student to philosophize. In Chapter 2, research is the history of philosophy, its absence and presence in Brazilian education. In chapter 3 we study the history of Socrates to ascertain the contribution of Dialogic Research as a methodology for teaching philosophy in high school. Arriving, finally, the conclusion that the method of Dialogic Research is a method used seriously, but can provide the high school student philosophizing with fundamentals.

Key-words: Philosophy teaching in high school, methodology, dialogical investigation, education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE	11
1.1 - O JOVEM ALUNO DO ENSINO MÉDIO E A NECESSIDADE DE UMA METODOLOGIA QUE O ENCANTE.....	12
CAPÍTULO 2 - A FILOSOFIA E O CONHECIMENTO FILOSÓFICO.....	15
2.1-A PRESENÇA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO E A SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO.....	18
CAPÍTULO 3 - SÓCRATES UM FILÓSOFO ALÉM DO SEU TEMPO.....	21
3.1 - A CONTRIBUIÇÃO DA INVESTIGAÇÃO DIÁLOGICA COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO.....	23
CONCLUSÕES.....	30
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Verifica-se que, com a obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio, os professores dessa disciplina depararam-se com muitos problemas referentes à metodologia adequada, tendo em vista a carga horária da disciplina ser limitada e o estudo requerer muita leitura, atendendo aos anseios do perfil desta faixa etária de alunos de 15 a 17 anos, jovens adolescentes, por vezes rebeldes e desinteressados. Alunos que por vezes apenas cumpre uma obrigação de assistir tais aulas, muitas vezes maçantes ou tendo como foco o vestibular. Com pensamento neste aluno de hoje, pretende-se com o seguinte trabalho, refletir sobre a Investigação Dialógica, metodologia esta, baseada nos princípios Socráticos do filosofar, procurando saber se este é um método que contribui, e como se dá esta contribuição, para uma aprendizagem significativa, tornando-se assim, uma proposta eficaz para o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Acredita-se que a metodologia do ensino de Filosofia no Ensino Médio deve ser pensada pelo professor com muito rigor, a fim de que possa atender com eficácia o seu objetivo que é propiciar a melhor aprendizagem aos seus alunos, levando em consideração que a Filosofia, tanto no passado como nos dias atuais, tem em sua essência a descoberta do conhecimento para a construção de uma sociedade melhor, pois, segundo Velloso, 2012:

Cada ciência tem sua especificidade, mas a metodologia filosófica tem uma peculiaridade que a diferencia dos demais. (...) a filosofia não é uma ciência; ela é um conjunto de conhecimentos, que gerou e fundou todos os demais. A Filosofia é o próprio conhecimento, e – sem exageros – é a própria sabedoria. Por isso ela estuda sobre tudo: o ser humano, a natureza, a ciência, a morte, a cultura, a religião, enfim, toda a realidade. É por essa razão, que ela é diferente dos demais.” (p. 21).

Observa-se, na prática, que a disciplina de Filosofia no Ensino Médio, além de complexa é extensa. E, ainda que o professor de Filosofia aparentemente pareça ter mais autonomia do que os professores de outras disciplinas para orientar as suas aulas, vemos que por de trás dessa autonomia

existe também uma responsabilidade para com o tipo de formação que proporcionará a seus alunos. A LDB determinou “o norte educativo” que deve ser seguido: a formação para a cidadania e, consonante a essa determinação, os PCNs (1997 p.41) sugerem que a Filosofia seja uma “reflexão crítica a respeito do conhecimento e da ação, a partir da análise dos pressupostos do pensar e do agir e, portanto, como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas”. A partir dessas orientações, o que o professor de Filosofia pode desenvolver em sala de aula?

Conforme Sofiste, 2007:

“A filosofia é uma atividade e, enquanto tal não tem resultados, verdades, conhecimentos estabelecidos etc, a serem ensinados; o que se deve fazer na docência de filosofia é, se assim podemos dizer, ensinar a filosofar. Filosofar, segundo nossa hipótese de trabalho, é o desenvolvimento ou aplicação de métodos filosóficos.” (p.34)

Segundo pesquisadores, na “Alegoria da Caverna”, livro VII, da República, Platão expõe detalhadamente sua concepção sobre conhecimento e educação, dividindo a realidade em dois mundos: o sensível e o ideal. O mundo sensível é aquele em que vivem os homens, é a cópia imperfeita do mundo ideal, sendo os seres reproduções das idéias. As ideias por sua vez, estão no mundo Ideal, onde se encontram a verdade e a perfeição, constituindo a essência da realidade perfeita e imutável. Platão caracteriza o homem como uma alma que vive no mundo ideal e contempla, portanto, toda a verdade e que, no seu nascimento esquece tudo o que aprendeu. Sendo a educação platônica, assim, um processo que busca a verdade e as ideias que são inatas, gradualmente. Desse modo, para Platão, o mestre deve criar condições para que o discípulo lembre as ideias, que são arquétipos do mundo ideal. Neste sentido, o papel do professor de Filosofia seria o de orientar, pois, conforme Platão, não se pode ensinar, mas provocar no aluno o desejo de buscar sua memória adormecida.

A Filosofia tem se utilizado do diálogo desde os seus primórdios para perguntar e investigar o seu objeto de estudo. Portanto, acredita-se que o

ensino de Filosofia, na prática, deve se apresentar não de maneira sistemática, como as diversas disciplinas, mas contextualizado com a realidade dos alunos, sendo a filosofia a base fundamental do processo de investigação para obtenção do conhecimento da verdade, pois a mesma propicia o diálogo entre todas as disciplinas para que o aluno tenha uma visão do eu como sujeito e uma melhor interpretação do mundo. Acredita-se que a Filosofia para os jovens, tanto no passado como na atualidade, é voltada para a investigação e descobertas para obter um conhecimento que seja útil para a construção de uma sociedade melhor. Na República de Platão isso é visto claramente: Sócrates leva seus discípulos a refletirem sobre a postura política e social dentro de uma condição mais reflexiva e crítica, fazendo com que os mesmos possam não só pensar, mais também agir. A postura de Sócrates assemelha-se a de um professor dos tempos atuais, que se vale do jogo de palavras para dar aos alunos, principalmente de ensino médio, condições necessárias para que o sujeito possa interpretar o mundo e ser capaz de buscar o conhecimento verdadeiro e, muito mais do que isso, agir transformando mundo em que vive.

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE

Vivencia-se nitidamente que a humanidade vive um período de grandes transformações, no qual a elevada quantidade de informações que vem ao encontro das pessoas ultrapassa as instituições educacionais, deixando, dessa forma, muitas vezes, os professores em desvantagem com relação ao avanço de novos desafios, principalmente os tecnológicos. Isso acarreta muitas dificuldades em desenvolver as habilidades e as competências necessárias para que o sujeito venha a se tornar um indivíduo mais crítico e ativo na sociedade, conforme o Artigo 35 da LDB 9394/96:

(...) o ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (BRASIL, 1966, p.13).

Nessa mesma linha, os PCNs– Ensino Médio retomam e reafirmam o discurso da LDB, quando afirmam, em seu texto de apresentação, que:

A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. (BRASIL, 1999, p.5).

Neste contexto entram os grandes desafios do Professor do Ensino Médio, rompendo com os limites de sua formação, que devido a políticas públicas é, na maioria das vezes, fragmentada, procurando sempre reconstruir através de outras áreas do saber uma nova maneira de ensinar. Acredita-se

que para concretização desse objetivo é importante caracterizar a concepção de educação atual, designada por Sofiste como pedagogia de armazém, modelo este que está presente em muitas das escolas brasileiras, sobretudo, nas de Ensino Médio, e para a qual:

A escola é entendida como a socializadora do conhecimento, uma espécie de intermediária entre *a alguém que produz e alguém que consome conhecimentos*. O professor é o balconista, alguém encarregado de transmitir ou vender o conhecimento, que ele não produziu, mas que copia de alguém. O estudante é o consumidor, também à imagem e semelhança do professor e da escola, não pensa, não produz, apenas escuta aula, anota e faz prova (SOFISTE, 2007, p. 24).

Acredita-se que é possível mudar esta realidade e que educar deve ser um ato planejado de acordo com a realidade dos alunos, a fim de que não torne-se algo maçante e mecanizado, observa-se ser esse o desafio da educação na atualidade. A busca por novas propostas pedagógicas, a reorganização das instituições de ensino, o compromisso em desenvolver estratégias de inovações, dando suporte para que o professor consiga dar conta de desenvolver atividades que possam promover a construção e reconstrução do conhecimento. Pois, segundo Morin, “a educação é ao mesmo tempo transmissão do antigo e a abertura da mente para receber o novo”.(2001, p.72).

1.1. O JOVEM ALUNO DO ENSINO MÉDIO E A NECESSIDADE DE UMA METODOLOGIA DE ENSINO QUE O ALCANCE.

Segundo Eisenstein:

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*), critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade (*youngadults*). Atualmente usa-se, mais por conveniência, agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens

(*adolescents and youth*) em programas comunitários, englobando assim os estudantes universitários e também os jovens que ingressam nas forças armadas ou participam de projetos de suporte social denominado de *protagonismo juvenil*. Nas normas e políticas de saúde do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos. (2005, p.6-7).

De acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente, juridicamente, a adolescência vai dos 12 anos (completos) aos 18 anos (incompletos). Segundo Velloso, 2012:

“Adolescer” significa entrar na adolescência, crescer, desenvolver-se. É o período da vida humana entre a puberdade e a virilidade, é a fase da mocidade, da juventude. A ex-criança, agora, adentra num novo mundo, o mundo dos adultos. (p.25).

Observa-se também que na adolescência ocorrem várias mudanças físicas, cognitivas e emocionais, caracterizadas pelo processo de transição que os adolescentes atravessam. Essas mudanças refletem o desenvolvimento físico e emocional característico dessa fase resultantes de uma socialização desejada pelo indivíduo. É uma época de turbulência e tumultos, na qual o adolescente de forma geral busca uma identidade. Conforme destaca Velloso, (2012:p.25) A adolescência é uma fase pela qual o ser humano passa por grandes transformações em sua vida que deixarão marcas profundas, a saber: física, psicológica (emocional), social e até existencial (filosófica).

O autor complementa dizendo que:

Novas aspirações, interesses, curiosidades e angústias vão gerar no adolescente sentimentos que o tornarão confusos nessa fase intermediária entre a infância e o mundo adulto. São, para eles, sensações desconhecidas. Ao mesmo tempo e contraditoriamente, apresentam as seguintes reações: são afetivos, mas rebeldes; prestativos, mas intransigentes, extrovertidos, mas tristes; capazes de pensamento abstrato, mas pueris nas mínimas coisas. Todas estas atitudes (ou omissões) fazem parte de sua fase de imaturidade. (p.26)

Observa-se que na adolescência o jovem está na encruzilhada da vida, não é mais criança, porém, muitas das decisões importantes são tomadas por outros, daí a importância do exercício da liberdade e responsabilidade que

determinará em muito os seus referenciais para trilhar um caminho para o mundo adulto.

É neste contexto da adolescência que o jovem aluno é apresentado, no ensino médio, à disciplina de Filosofia. Em uma fase em que os mesmos, na maioria das vezes, parecem não apresentar muito interesse em aprender, pois não sabem reconhecer a importância de estudar, tendo dificuldades em valorizar o estudo e o professor. Cabe a esse mesmo professor delinear o método mais adequado de ensino da Filosofia, criando estratégias para que esse primeiro contato com a filosofia seja motivador para esse aluno. Um método em que os alunos não sejam meros expectadores defasados da realidade e sim envolvidos como protagonistas. Pois, com a facilidade das novas tecnologias, o aluno da atualidade já não vê a necessidade de buscar nos livros as respostas para suas pesquisas, pois conta com a facilidade que a ferramenta da internet oferece em tempo real.

CAPÍTULO II

A FILOSOFIA E O CONHECIMENTO FILOSÓFICO

Segundo historiadores, a Filosofia surgiu na Grécia antiga no século VI a.C. , em um tempo que as verdades dos fatos eram aceitas como absolutas geralmente sendo explicadas através da mitologia. A partir de então, pensadores como Tales de Mileto, Xenófanés, Pitágoras, Heráclito e Protágoras começaram a tentar responder, racionalmente, questões acerca da realidade, sobre as origens e características do verdadeiro conhecimento, sobre a existência e natureza de Deus e outras muitas questões importantes e relevantes para a humanidade. Na busca dessas respostas foi que o conhecimento evoluiu do mítico para o filosófico. Observa-se que os mesmos questionamentos atravessaram os séculos e ainda nos dias atuais continuam sendo estudados na tentativa da obtenção de novas respostas.

Japiassú e Marcondes no Dicionário Básico de Filosofia, afirmam ao conceituar o termo filosofia:

É difícil dar-se uma definição genérica de filosofia, já que esta varia não só quanto a cada filósofo ou corrente filosófica, mas também em relação a cada período histórico. Atribui-se a Pitágoras a distinção entre a sophia, o saber, e a philosophia, que seria a "amizade ao saber", a busca do saber. Com isso se estabeleceu, já desde sua origem, uma diferença de natureza entre a ciência, enquanto saber específico, conhecimento sobre um domínio do real, e a filosofia que teria um caráter mais geral, mais abstrato, mais reflexivo, no sentido da busca dos princípios que tornam possível o próprio saber. No entanto, no desenvolvimento da tradição filosófica, o termo "filosofia" foi freqüentemente usado para designar a totalidade do saber, a ciência em geral, sendo a metafísica a ciência dos primeiros princípios, estabelecendo os fundamentos dos demais saberes.(...) (2001, p.77).

Mas afinal, o que é Filosofia? Será somente o que o seu significado etimológico traduz: “Amor pela sabedoria”? Ou será também algo mais complexo e inconcebível, que não se conceitua em uma totalidade acordada? Iglésias, em seu texto “*O que é filosofia e para que serve*”, comenta:

Se perguntarmos a dez filósofos “o que é filosofia”, ousar dizer que três ficarão em silêncio, três darão respostas pela tangente, e as respostas dos outros quatro vão ser desencontradas que só outro filósofo para entender que o silêncio de uns e as respostas de outros são abordagens possíveis à questão proposta. (1998, p.12).

Pesquisas apontam que, se buscarmos na história da filosofia, encontraremos diversas definições a respeito da questão. Com isso é importante dizer que “se todos tivessem a mesma compreensão do que é filosofia, não haveriam correntes filosóficas antagônicas e, tampouco, haveria debate filosófico” (Palácios, 1996:38).

Marilena Chauí mostra como vários filósofos se situaram a respeito da Filosofia incutindo neste conceito a sua utilidade:

Platão definia a Filosofia como um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos. Descartes dizia que a Filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes. Kant afirmou que a Filosofia é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer e o que pode fazer, tendo como finalidade a felicidade humana. Marx declarou que a Filosofia havia passado muito tempo apenas contemplando o mundo e que se tratava, agora, de conhecê-lo para transformá-lo, transformação que traria justiça, abundância e felicidade para todos. Merleau-Ponty escreveu que a Filosofia é um despertar para ver e mudar nosso mundo. Espinosa afirmou que a Filosofia é um caminho árduo e difícil, mas que pode ser percorrido por todos, se desejarem a liberdade e a felicidade. (2000, p.17).

Portanto, acredita-se que a resposta à pergunta acerca do que seja filosofia jamais irá chegar a uma resposta em definitivo, pois cada um fornecerá o seu próprio conceito. Contudo, é uma pergunta que deverá ser respondida pelo professor na sala de aula, pois o conceito que o mesmo se apropriar irá determinar o sentido das aulas que irá ofertar aos seus alunos e, mesmo que a filosofia não apresente um sistema final de conceitos como as ciências, essa conceituação na introdução da disciplina poderá situar o aluno do ensino médio com relação a identidade e a importância do estudo da Filosofia. Isso porque,

ao que nos parece, a filosofia como forma de pensar racional e reflexiva não aceita teorias e conhecimentos acabados.

O conhecimento filosófico não é algo que nasce do vazio e sim das experiências que as pessoas vivenciam e acumulam ao longo de sua existência, seja na teoria como na prática, ele se dá pelos relacionamentos interpessoais, leituras e estudos, viagens e afins. Enfim, é o que constrói os seres humanos na procura do sentido das coisas da vida, refletindo, raciocinando e questionando a essência da humanidade.

O questionamento, a racionalidade, a utilização de conceitos, a transmissão de idéias através do diálogo são algumas das particularidades do conhecimento filosófico. Entretanto, acredita-se que a reflexão crítica seja a de maior relevância para que esse conhecimento se realize, pois o ato de refletir criticamente é a tomada de consciência do problema apresentado, é a investigação da informação que se tem, desvinculada de ideias e pensamentos preconceituosos, enfim é o repensar das posições mais comuns até as mais complexas, a fim de formar opiniões límpidas e verdadeiras

2.1. A PRESENÇA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO E A SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO

A presença do ensino da Filosofia nas escolas brasileiras é secular. Porém, foi marcada por muitas interrupções em sua trajetória, até chegar a se tornar disciplina obrigatória na grade curricular do ensino médio através a aprovação da lei 11.684/08.

Conforme levantamento de pesquisas bibliográficas sobre a história da filosofia na educação brasileira, os temas filosóficos já apareciam como conteúdo escolar no Brasil desde a chegada dos Jesuítas em terras brasileiras, que lecionavam nos Colégios e Seminários do Brasil colonial, onde a escolástica era a base da educação formal, sendo então o ensino organizado em quatro modalidades:

- Curso Elementar: ensinava-se a ler as primeiras letras, a contar e a rezar, com a finalidade de auxílio na difusão da catequese católica. Os índios, os negros e os brancos pobres tinham direito/permissão para participar desse curso.
- Curso de Humanidades: Curso em latim, voltado para o estudo da gramática, ciências humanas e retórica. Esse curso tinha um custo financeiro elevado, contemplando apenas as classes mais abastadas.
- Curso de Artes: Curso de Ciências Naturais ou de Filosofia, no qual se estudava Ética, Lógica e Metafísica, entre outros conteúdos.
- Curso de Teologia: Curso que objetivava o estudo da doutrina católica e conferia o grau de Doutor.

As escolas brasileiras seguiam o mesmo modelo pedagógico usado em Portugal, seus conteúdos eram direcionados somente a aqueles que estavam ligados à igreja. Os alunos eram filhos de senhores de engenhos, proprietários de terras tinham acesso e eram ensinados somente com a filosofia dos pensadores da Idade Média, São Tomás de Aquino, e com muito cuidado Aristóteles.

Sendo expulsos os Jesuítas dos domínios de Portugal no ano de 1759 pelo Marques de Pombal, tem fim o sistema educacional dos Jesuítas. Todavia, mesmo após a expulsão continuou na época do Império e da República o ensino da filosofia aristotélica-tomista.

Conforme Ribeiro:

“O ensino de filosofia, limitado à análise e interpretação de textos na sua maioria de Aristóteles e São Tomás e ao

levantamento de questões a partir desses textos, não poderia senão desenvolver uma consciência ingênua, em nada contribuindo para homens críticos e ligados aos problemas do país.” (1977, p.233).

No início do século XX, com a reforma de 1911, a Filosofia desapareceu do currículo de Pedro II e do ensino oficial. Em 1915, há uma pequena melhora em relação ao ensino de Filosofia, voltando ao currículo, na qualidade de disciplina optativa, com o ministro Carlos Maximiliano. Porém, somente a reforma de João Luis Alves em 1925, a filosofia, então, ganhará um papel de maior relevância, quando o ensino secundário volta a ser de seis anos, com o estudo da Filosofia sendo ministrado no 5º ano (Filosofia) e 6º ano (História da Filosofia). Com a lei 4.024/61 a Filosofia volta a perder sua obrigatoriedade curricular, tornando-se uma disciplina complementar, praticamente desaparecendo do ensino com a reforma pelo governo militar a Lei nº 5.692/61. Isso apenas ratificou o descaso com essa disciplina.

No ano de 2000, o então Deputado Federal Roque Zimmermann do Estado do Paraná apresentou o Projeto de Lei nº 9/2000, que tinha como finalidade tornar obrigatório o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Porém, após tal projeto ter tramitado no Senado Federal, foi vetado pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, através do despacho nº 1073 de 2001. Segundo esse despacho:

“O projeto de inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas obrigatórias no currículo do ensino médio implicará na constituição de ônus para os Estados e Distrito Federal, pressupondo a necessidade da criação de cargos para a contratação de professores de tais disciplinas, com a agravante de que, segundo informações da Secretaria de Educação Média e Tecnológica, não há no País formação suficiente de tais profissionais para atenderem a demanda que advirá caso fosse sancionado o projeto, situações que por si recomendam que seja vetado na sua totalidade por ser contrário ao interesse público.” (BRASIL, 2001. p.6).

Somente no ano de 2006, com o parecer 38/2006, começou a efetivação e inclusão da disciplina de filosofia no ensino médio, que se tornou concreta com a nova lei 11.684/08, no ano de 2008, tornando obrigatório o ensino de

filosofia em todas as escolas do Brasil no ensino médio, com o prazo de três anos para efetivação e inserção.

Com a obrigatoriedade do Ensino de Filosofia, os alunos do ensino médio ganharam a oportunidade de receber uma ampla formação, sendo capazes de refletirem, compreenderem e se aprofundarem nos problemas da sociedade em que estão inseridos.

Observa-se que as vindas, idas e permanências da Filosofia ao longo da história na educação brasileira sempre foi vinculada ao tipo de educação que a sociedade dominante gestou, uma sociedade reprodutora das desigualdades sociais, na qual o papel da Filosofia na educação poderia superar a condição de subordinação e opressão das pessoas menos favorecidas econômica, política e culturalmente.

Segundo, Severino:

No contexto da história da cultura ocidental, é fácil observar que educação e filosofia sempre estiveram juntas e próximas. Pode-se constatar, com efeito, que desde seu surgimento na Grécia clássica, a filosofia se constituiu unida a uma intenção pedagógica, formativa do humano. Ela já nasceu paidéia! Para não citar senão o exemplo de Platão, em momento algum o esforço dialético de esclarecimento que propõe ao candidato a filósofo deixa de ser simultaneamente um esforço pedagógico de aprendizagem. Praticamente todos os textos fundamentais da filosofia clássica implicam, na explicitação de seus conteúdos, uma preocupação com a educação. 1990, p.18).

Para tanto, nos dias atuais, acredita-se que a inclusão do ensino da Filosofia se faz necessária e fundamental não só no Ensino Médio, como em todos os âmbitos da educação a fim de oferecer aos estudantes a oportunidade de refletir a sua própria aprendizagem de modo crítico.

CAPÍTULO III

SÓCRATES, UM FILÓSOFO ALÉM DO SEU TEMPO.

Ao levantar-se a hipótese da metodologia do ensino da Filosofia através do diálogo, faz-se necessário apresentar a história do grande filósofo do diálogo: Sócrates. Segundo historiadores, Sócrates nasceu em Atenas, na Grécia, no ano de 470 ou 469 a.C., na época em que findava a guerra entre os gregos e os persas (Guerras Médicas). Era filho de Sofronisco, que exercia a função de escultor e de Fenarete que era parteira. Sócrates quando jovem teria aprendido e seguido durante algum tempo a profissão de seu pai e recebido a educação dos jovens atenienses de seu tempo, aprendendo música, ginástica e gramática. Adulto, casou-se com Xantifa, abandonou a função de escultor e dedicou-se inteiramente a missão de despertar e educar as consciências, tendo como influência a Filosofia de Anaxágoras. Viveu sempre entre a juventude, em discussões, especialmente com os sofistas. Sócrates nada escreveu. Seu pensamento foi reconstituído sobre testemunhos, muitas vezes com discrepâncias, dos filósofos: Xenofonte, Platão e Aristóteles.

Em 399 a.C., Sócrates foi condenado à morte sob acusação de corromper os jovens contra a religião e as leis da pátria. E, ao se dirigir aos atenienses que o julgavam, Sócrates disse que lhes era grato e que os amava, mas que obedeceria antes ao deus do que a eles, pois enquanto tivesse vida, poderiam ter a certeza que não deixaria de filosofar.

Sócrates desejava que as pessoas se desenvolvessem na Virtude, pois acreditava que a virtude da alma é a sabedoria que aproxima de Deus, segundo ele, a sabedoria tem a ver com humildade intelectual e não com a quantidade de saber. Ele dizia que o ignorante é arrogante porque pensa que sabe. Sócrates se achava mais sábio porque pelo menos sabia que nada sabia, ao passo que outras pessoas pensavam que sabiam.

Para Sócrates, a função da Filosofia é despertar o autoconhecimento, tendo em vista a verdade estar dentro de cada pessoa, “o conhecer-te a ti mesmo”. A Filosofia, então, servia para suscitar no aluno a tomada de consciência do seu “eu”. Pela sua maneira de dialogar, o mestre dava a entender que a ação docente mais frutífera seria sempre a que proporciona a

revelação do “poder criador das almas” (Dionísio, 1952, p. 26). Assim, os seguidores eram estimulados a descobrir em si mesmos as virtudes de compreensão que eles, apesar de não terem a percepção do saber, já o carregam dentro de si. Segundo Dionísio:

Sócrates partia do princípio de que cada pessoa tem em si os meios espirituais suficientes para entender todos os problemas do ser e do que deve ser. Por conseguinte, em que deveria consistir a missão da inteligência já amadurecida diante da inteligência incipiente? Nisto apenas: em tomar menos laboriosa a revelação da Verdade que cada um traz consigo. A missão do espírito, sazonado, na curva descendente da vida, seria, enfim, em presença do espírito noviço, ainda rico de possibilidades inventivas, análoga à missão da matrona “sábia”, insupetível já de procriar, mas rica de experiência, junto da mulher jovem nubente ou parturiente. (1952, p. 25).

Ao estudar-se a biografia de Sócrates, observa-se que ele considerava essencial saber viver com a alma tranqüila, sem cometer injustiças, nem causar danos a si e aos outros. E que o mestre não pretendia de forma alguma utilizar a filosofia como uma função com o intuito de obtenção de lucro. Filosofar, acreditava ele, era uma conquista incessante da moderação e da virtude, tendo em vista que por meio das duas o homem poderia ter uma vida honrada e justa.

3.1. A CONTRIBUIÇÃO DA INVESTIGAÇÃO DIÁLOGICA COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Vencido o problema histórico da exclusão da Filosofia dos currículos escolares brasileiros, os professores se defrontam com uma nova dificuldade de pensar quais as metodologias que contemplam o ensino da Filosofia no ensino médio se adequando aos novos tempos pois, segundo as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. Por exemplo, caberia não apenas compreender ciências, letras e artes, mas, de modo mais preciso, seu significado, além de desenvolver competências comunicativas intimamente associadas à argumentação. (BRASIL, p.29).

Atentando-se para os alunos adolescentes do ensino médio, integrantes de uma nova sociedade do século XXI, trazendo como características a complexidade de um novo avanço, principalmente tecnológico e científico, faz-se necessário e urgente um novo posicionamento das necessidades de novas idéias e atitudes para a educação, principalmente no que diz respeito a novas metodologias de ensino e aprendizagem.

Observa-se que infelizmente a escola pouco se modificou ao longo dos anos. Alunos enfileirados, haja vista a disposição das carteiras quando entramos em muitas escolas, conteúdos muitas vezes descontextualizados e por vezes fragmentados, professores muitas vezes estressados para dar conta da quantidade excessiva de alunos por sala e das exigências do currículo que é extenso, priorizando a memorização, a cópia pela cópia, o acúmulo.

Com essas questões, é esquecido o primordial da educação desse século, que é oportunizar o pensar reflexivo e crítico, o argumentar, a pesquisa,

enfim, oferecer a esses jovens as ferramentas para o futuro para que possam ler o mundo e decidir o que é melhor para si e não simplesmente o que é mais fácil.

Acredita-se em uma metodologia que englobe uma boa parceria do professor com seus alunos, reforçando a motivação e promovendo a aprendizagem e a reflexão de forma crítica. Para tanto, a opção do diálogo, talvez, seja a saída para uma metodologia eficaz e prazerosa a esses alunos, pois, segundo historiadores, desde o início a filosofia caracterizava-se pelo diálogo. Entendendo-se por diálogo não somente a conversação entre duas pessoas, e assim como ressalta Sofiste:

Diálogo, enquanto princípio pedagógico e metodológico, portanto diferente de mera conversa ou, como indica Paulo Freire na Pedagogia da Esperança: O diálogo, na verdade, não pode ser responsabilizado pelo uso distorcido que dele se faça. Por sua pura imitação ou por sua caricatura. O diálogo não pode converter-se num “bate-papo” desobrigado que marche ao gosto do professor ou professora e educandos. (FREIRE, 1992, p. 118, nota 47, citado por SOFISTE, 2007, P.93)

Para tanto, pesquisa-se a Investigação Dialógica como sendo uma metodologia proposta para o auxílio do professor de filosofia, pois, ao que parece, a mesma procura atender a necessidade da criação de conhecimentos que nega substantivamente a aula falada, a transmissão do conhecimento e a memorização mecânica. Isso porque, na atualidade acredita-se na aprendizagem com significação. Nas palavras de SOFISTE:

A Investigação dialógica é uma metodologia que nega a aula falada, a transmissão do conhecimento e a memorização mecânica. Articulada a partir de dois eixos básicos, onde: o primeiro está relacionado à aquisição do conhecimento, às habilidades de aprender a conhecer e aprender a fazer. O segundo eixo está relacionado às habilidades de convivência e autoconhecimento, ou seja, do aprender a ser e do aprender a conviver. (2005, p.1).

O método de Investigação Dialógica, proposto pelo professor Juarez Sofiste, do departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, baseado no modelo Socrático de diálogo e

investigação, não é só uma nova forma de se entender e ver a educação, como também, e, principalmente, se faz necessária para que verdadeiramente haja educação na escola. A proposta se baseia no método Socrático segundo o qual “diálogo e investigação são os princípios pedagógicos e metodológicos (...)” (SOFISTE, 2007, P.87). O diálogo se faz em conjunto, na exposição de idéias, princípios e valores sustentados por argumentos. Baseia-se no respeito, na reciprocidade, no saber ouvir, no atentar-se para o outro. A investigação se dá através dos mesmos princípios; juntos os participantes da sessão de Investigação Dialógica procuram investigar coletivamente o tema proposto através das diversas visões que se pode ter sobre o tema. Nas palavras do professor, Diálogo e Investigação são os princípios pedagógicos e metodológicos utilizados por Sócrates para fazer filosofia. Pelo que podemos observar, Sócrates não dava aulas e sim ele provocava o filosofar. “A pedagogia socrática consiste, portanto, não no ensino da filosofia, mas no fazer filosofia.” (SOFISTE, 2007, p. 87). Portanto, para se trabalhar com o método socrático, há de se abandonar a idéia de aula, pelo menos a aula convencional, logicamente não negando os conteúdos dos conhecimentos históricos constituídos da filosofia, pois acredita-se não existir o filosofar no vazio.

Sofiste conceitua a Investigação Dialógica, sendo:

(...) um processo de desenvolvimento, usando a linguagem do relatório para a UNESCO, de habilidades e competências articulado em dois eixos básicos. O primeiro está relacionado à aquisição do conhecimento, às habilidades de aprender a conhecer e aprender a fazer como, por exemplo, a capacidade de abstração, de raciocínio, de inferência, de sistematização, de conceituação, de argumentação, da criatividade, da curiosidade, da iniciativa, de observação, de análise, de reflexão, de pensar o todo, de projeção, de planejamento etc. O segundo eixo está relacionado às habilidades de convivência e autoconhecimento, ou seja, do aprender a ser e do aprender a conviver. São exemplos desses tipos de habilidades: relacionar-se com o diferente, criticar, trabalhar em equipe, saber ouvir, aceitar críticas, auto-estima, autocontrole, autonomia, auto-telia, etc.(2005, p.9).

A Investigação Dialógica objetiva em sua sessão o próprio diálogo, que por si só, já educa, pois, conforme a fala de Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, tais “Temas Geradores” ou “conhecimentos filosóficos” são os meios pelos quais obteríamos nosso diálogo, nossa troca. “Os recursos

didáticos (a cultura filosófica, ou seja, os saberes historicamente construídos de filosofia, textos não filosóficos, figuras, músicas, etc.) são meios para alcançar os objetivos da metodologia: o desenvolvimento de habilidades e competências”. (SOFISTE, 2007, p. 135). Possibilitando, assim, a ação do filosofar, não ficando só no “ensinar”.

Concorda-se com o autor, quando este diz:

Afirmamos, em princípio, que a prática efetiva do método socrático possibilita colocar em ação o filosofar, uma vez que, do ponto de vista filosófico, podemos afirmar: a) o fundamento do método, o diálogo, supõe a natureza mesma do filosofar, no caso, desenvolvido comunitariamente; b) o método rompe com a lógica da afirmação, é garantia de liberdade intelectual e abertura da consciência frente as verdades constituídas, aos dogmatismos, totalitarismos e ideologias; c) o método não subtrai nenhuma idéia à livre discussão, é busca de fundamentação e verificação da validade dos raciocínios e d) construção coletiva de conhecimentos com validade intersubjetiva. (SOFISTE, 2007, p.37).

Assim, defende-se a ideia de que o professor de filosofia deve estimular a reflexão filosófica dos alunos através do diálogo, possibilitando essa reflexão como ponto de partida, tendo em vista que o objetivo do professor seja o de propiciar aos estudantes o pensar filosófico.

Segundo, Lipman:

Quando as pessoas se envolvem num diálogo, são levadas a refletir, a se concentrar, a levar em conta as alternativas, a ouvir cuidadosamente, a prestar mais atenção às definições e aos significados, a reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral, realizar um grande número de atividades mentais nas quais não teria se envolvido se a conversação não tivesse ocorrido (1994, p.44).

Contudo, para isso, torna-se fundamental que este estudante aprenda que tem a liberdade para defender qualquer opinião com argumentos claros, sólidos. A noção de argumentação deve ser transmitida desde o início na disciplina de filosofia, pois, muitas vezes, há a tendência em transformar a

discussão filosófica em algo completamente desviado do cotidiano, sendo que a mera exposição torna os estudantes passivos, suscitando o ócio na aula, tornando-a cansativa, tanto para o aluno quanto para o professor. Conforme destaca Sofiste quando fala do modelo de Investigação Dialógica:

O programa que propomos para a educação média não trata do ensino da filosofia, ou seja, do ensino de cultura filosófica, mas de um programa que propõe o filosofar como conteúdo e método. Trata-se de uma pedagogia onde o conteúdo e os procedimentos didáticos são o filosofar. Acreditamos, no entanto, ser mais fácil chegarmos ao filosofar, mediante a cultura filosófica. É por isso mesmo o programa que propomos não exclui a cultura filosófica, mas a entende como um meio para o filosofar. (2007, p.88)

O modelo socrático de diálogo não está sujeito ao mero acaso de acontecimentos ou a vontade espontânea de alunos e professores. Pois, como propõe Sofiste (2007), para que em uma aula de Filosofia haja transmissão de idéias, conceitos ou teorias, que se consolidaram como clássicas ao longo da História da Filosofia, o papel do professor se torna fundamental para utilizar como recurso. Porém, esse mesmo professor não é possuidor de todo o saber, mas aquele cujo papel é conduzir o diálogo, juntamente com os alunos. Sendo que o objetivo de tal método, segundo se observa, não tem a pretensão de deixar de lado a história da Filosofia, o que o método procura não é só entender o que cada filósofo diz a respeito das coisas ao longo da história como verdade absoluta, mas, acima de tudo, o que o aluno de hoje pensa sobre o mesmo assunto. É a busca da significação do apreender.

Para que haja a construção de significados é necessário organização e compromisso com objetivos e normas para que suas intenções se concretizem. Para que a Investigação Dialógica seja realizada com sucesso e seriedade, há etapas que precisam ser respeitadas na prática da sala de aula, a saber:

-Título: É o nome dado à sessão de Investigação Dialógica e que nos remeterá a lembrança do ocorrido naquele determinado momento.

-Tema: “É o conceito, a noção, a idéia, o procedimento, a habilidade, atitude que se pretende trabalhar na sessão.” (SOFISTE, 2007, p. 102).

-Objetivos: Deverão ser os norteadores de toda a sessão, afinal será visando a eles que desenvolveremos o diálogo investigativo.

-Conteúdos: Aqui começam várias especificidades da investigação Dialógica que diferem de um mero plano de aula. São conceitos, procedimentos e atitudes que visam ser trabalhados ao longo da sessão. Normalmente as aulas se interrompem durante a apresentação dos conceitos e raras vezes se abre espaço para os procedimentos e atitudes.

-Recursos Didáticos: Tudo aquilo que será utilizado com vistas a auxiliar na explanação do diálogo investigativo.

-Procedimentos didáticos: Aqui estarão descritos os procedimentos utilizados para a exposição e descrição do tema. Assim como no recurso didático, é de suma importância que sejam variados e diversificados de acordo com a turma e o assunto em questão.

-Introdução: Objetiva incentivar a comunidade para a investigação inicial do tema.

-Desenvolvimento: É o momento principal do diálogo investigativo e cabe ao professor cuidar para que o tema não seja desviado ou aberto em leques muito extensos de discussão.

-Fixação: Objetiva fixar o diálogo investigativo obtido durante a sessão.

-Avaliação: Deverá ser feita por todos os participantes com vistas ao cumprimento ou não dos objetivos propostos anteriormente.

Conforme a ideia do autor Juarez Sofiste, no método de Investigação Dialógica não são anulados nem desconsiderados os conceitos escolares, tomando como o exemplo, a história da Filosofia. Contudo, o objetivo não será entender o que cada filósofo diz a respeito de determinado tema ao longo da história, mas sim buscar na fala destes a fundamentação acerca do que o aluno pensa sobre o mesmo assunto. O foco não será a opinião dos filósofos

como a verdade fundamental, mas será ela o foco da discussão e acerca de qual o jovem aluno formará a sua opinião. Sendo este o motivo de afirma-se que Investigação Dialógica pode ser uma metodologia possível, realizável e desafiadora que contribui para a aprendizagem dos alunos de filosofia do Ensino Médio.

CONCLUSÃO

A questão que esteve na origem deste trabalho foi a de refletir qual a contribuição do diálogo para o ensino da Filosofia no ensino médio e se ele é um método eficaz para um bom ensino da Filosofia. Portanto, ao final do estudo conclui-se que o método é muito relevante para os dias atuais e atende a necessidade do jovem aluno do século XXI, onde concorda-se com o pensamento de Freire e Shor (1986) de que: “O ensino dialógico se contrapõe ao ensino autoritário, transformando a sala de aula em ambiente propício à reelaboração e produção de conhecimentos”(p.43). Sendo que a Filosofia é uma forma de pensar acerca de certas questões de uma forma crítica e ativa. Neste sentido, o ensino da Filosofia deve estar direcionado para a atividade crítica e não para a mera exposição. Com o presente trabalho pretendeu-se mostrar a importância da contribuição do método dialógico para a filosofia na medida em que este é um método dinâmico e ativo que pode conduzir à prática de um bom ensino da filosofia. “Uma das tarefas da Filosofia é de esclarecer o entendimento dos homens a respeito dos problemas morais e sociais de sua época.”(Teles, 2009, p. 14). Assim, estudar Filosofia, ou melhor, filosofar é muito mais do que ouvir o professor, fazer anotações, estudar para a prova, decorar os conceitos filosóficos. Tais procedimentos logicamente fazem parte do estudar, porém, não bastam para o estudo da Filosofia. Na Filosofia é essencial que o aluno ao estruturar o seu pensamento saiba argumentar com fundamento. É certo que os alunos, quando ingressam na disciplina de Filosofia pela primeira vez, não sabem qual a sua utilidade e, assim, deixam-se embalar pelo método de ensino que o professor utiliza, seja ele bom ou mau. É crucial que o professor se sinta motivado para lecionar, porque só assim irá conseguir despertar a atenção dos seus alunos. Esta motivação não surge da mera exposição de matéria, mas de aulas organizadas e planejadas de acordo com uma metodologia ativa e pensada, e também de políticas públicas que contemplem e incentivem, não só a preparação e capacitação de um professor, mas garanta-lhe subsídios para enfrentar os desafios que a própria sociedade atual impõe à escola, de uma educação de qualidade. E acredita-se que tal fato só começará a acontecer a partir do momento em que o governo e a

sociedade refletirem sobre a valorização do professor.

Através do presente trabalho pôde-se observar que o uso do método dialógico no ensino da filosofia pode contribuir para um ensino de maior qualidade, um ensino que estimule os alunos a ter uma participação mais ativa nas questões que os rodeiam, que os ajude a ser críticos e a não se acomodarem mentalmente. A filosofia é uma disciplina que implica raciocínio, pensamento fundamentado, argumentação. Porém, a filosofia só terá sucesso no meio escolar se os docentes apostarem num ensino ativo e motivador. No entanto, para que os professores possam usar o método em questão e consigam aliar esta metodologia a uma didática enriquecedora é fundamental que saibam os conteúdos programáticos, que conheçam a filosofia e os problemas tratados nas várias dimensões. De nada serve a um professor propor um tema de diálogo em uma aula e, depois, não respeitar o argumento dos alunos ou não fazer a ligação com o contexto. Isto não é um bom ensino da filosofia, nem é este tipo de aula que se deseja. Crê-se que o bom ensino é feito de metodologias dinâmicas, recursos pedagógicos adequados e que fomentem a inteligência e o pensamento dos alunos.

Pois, segundo Saviani:

Na perspectiva de uma concepção pedagógica crítica, não existe preferência por determinadas técnicas de ensino e condenação de outras. Uma pedagogia que busque a vinculação contínua e permanente entre educação e meio social deve estar empenhada no bom funcionamento da escola e, portanto, interessada em técnicas de ensino que produzam aprendizagens substanciais para os alunos. Tais técnicas devem se situar acima dos procedimentos didáticos chamados tradicionais, gerando-se a partir das contribuições que os mesmos podem proporcionar a um ensino transformador. São técnicas que estimulam a atividade e iniciativa dos alunos sem dispensar a iniciativa do professor, ao mesmo tempo em que podem favorecer o diálogo dos alunos entre si e com o professor sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente. (1983, b).

Uma das responsabilidades do professor que leciona filosofia é oferecer aos alunos instrumentos para que pensem por si próprios sobre temas filosóficos e não só porque os temas estudados em Filosofia não interessam apenas aos filósofos, mas, também, porque surgem espontaneamente das

circunstâncias humanas. Como se pôde observar na proposta de Sofiste (2007), não é possível que em uma aula de Filosofia haja transmissão de idéias, conceitos ou teorias, que se consolidaram como clássicas ao longo da História da Filosofia, sem a arte do diálogo, esse monumento teórico é um recurso nas mãos do professor. Do mesmo modo, este não é possuidor de todo o saber, mas aquele cujo papel é conduzir o diálogo, juntamente com os alunos. Entretanto, a Investigação Dialógica estabelece relação com a realidade brasileira, especificamente no que se refere ao ensino da disciplina de Filosofia; assim, entende-se que o papel da escola, do professor, dos alunos pertencem a uma concepção dialógica; e estão intimamente relacionadas à maneira como Sócrates fazia Filosofia, dialogando, considerando que todos, enquanto homens se sentem instigados e perplexos ante a realidade que os desafia e que, portanto, a única forma de viver é encarando-a, conhecendo-a, filosofando.

REFERÊNCIAS

ADAMO, F. **Juventude: trabalho, saúde e educação**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1985. p. 16 –19.

ARISTOTELES (1985). *Ética a Nicômaco*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: ed. Martins Claret, 2007.

ARANHA, M. L. e MARTINS, M. H. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2003

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº38/2006 de 07 de julho de 2006. **Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio**. Brasília. Agosto de 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 14 Ed. São Paulo: Ática, 2010.

CHAUÍ, M. S. **A Reforma do Ensino**. IN: Revista Discurso, N.º 08, Maio de 1978. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP

DIONÍSIO, Sant`anna (1952). **A Filosofia como Objeto de Pedagogia**. Porto: Seara Nova

----- . **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1983b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986

<http://www2.camara.leg.br/documentosepesquisa/publicacoes/edicoes/paginas-individuais-dos-livros/leidiretrizes-e-bases-da-educacao-nacional -de-> . Acesso em 10,09.2015.

<http://www.abstracta.pro.br/revista/publicados/v1n1a8%20-%20schlick%20-%20futurofilosofia.pdf>. Acesso em 04.09.2015.

<https://filosofonet.wordpress.com/2013/01/09/por-que-o-brasil-tem-um-dos-piores-indices-de-educacao-no-mundo>. Acesso em 13.11.2015.

http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167 Eisenstein E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios** .AdolescSaude. 2005;2(2):6-7 – Acesso em 15.10.2015.

IGLÉSIAS, Maura. **O que é filosofia e para que serve**. In: Rezende, Antonio (org). *Curso de Filosofia*. 9.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. P.11-16.

_____. **Investigação dialógica uma pedagogia para o aluno do século 21** .<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a12.pdf>. Acesso em 02.10.2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. ver. E ampl. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola**. São Paulo: Summus, 1990

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **O Filosofar como Prática de Cidadania**. Conferência na Semana Filosófica - "Filosofia e Cidadania", Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 26 de outubro de 1998, (mimeo).

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo, ed. Nova cultura, 1999 (coleção os pensadores)

RIBEIRO, S.A. 1977. **O modelo jesuítico de ensino de filosofia e sua realização histórica no Brasil colônia**. Reflexão, 2(6):219-235

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 6. ed. São Paulo: Cortez/Autores

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 6. ed. São Paulo: Cortez/Autores

SAVIANI, Dermeval. Tendências e correntes da educação brasileira. In: Durmeval T. Mendes (coord.). **Filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983a, pp. 19-47.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A contribuição da filosofia para a educação. Em Aberto, Brasília, v. 9, n.45, p.18-25, jan.mar.1990.

TELES, Maria Luiza Silveira, **Filosofia para jovens: Uma iniciação à filosofia**. 18ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino da filosofia:Investigação Dialógica: Uma Pedagogia para a docência de filosofia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Temas de Filosofia.** 2 ed. São Paulo: Moderna, 1998.

VELLOSO, Renato. **Lecionando FILOSOFIA para ADOLESCENTES: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.